



Palavra de Acampado: Experimentações em Jornalismo Cidadão¹

Angélica Patrícia de ALMEIDA²

Ernane Correa Rabelo³

Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG

RESUMO

O impasse na Zona da Mata Mineira entre os latifundiários e trabalhadores sem-terra é uma realidade recente na região, carecendo de dados científicos acerca da temática, o que torna relevante estudar o perfil dos cidadãos que compõem este cenário. Diante do baixo número de trabalhos empreendidos nesta perspectiva e da complexidade das relações envolvendo o MST e a mídia, este trabalho apresenta a aproximação entre jornalismo, literatura, história oral e cidadania, presente no livro-reportagem-perfil "Palavra de Acampado". Após pesquisa documental e de campo, foram retratadas as histórias de vida de nove integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) acampados na cidade de Goianá-MG.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Literário; Perfil; Histórias de Vida; MST.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho da V Conferência Sul-Americana e X Conferência Brasileira de Mídia Cidadã.

² Graduada em Comunicação Social- Jornalismo, pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), email: angelica.comsocial@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor Doutor do Curso de Comunicação Social da UFV, email: ernanerabelo@ufv.br



INTRODUÇÃO

Este relato de experiência advém de uma imersão no acampamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Denis Gonçalves, que culminou no livro “Palavra de Acampado”, apresentado como trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Viçosa. Trata-se de um projeto experimental inserido no âmbito do jornalismo literário, tendo como principal proposta de trabalho a produção de um livro-reportagem-perfil acerca das histórias orais de vida de nove acampados, residentes na BR 353, em Goianá- MG.

No Brasil, existem atualmente mais de 80 movimentos rurais e, dentre os inúmeros movimentos sem-terra criados, o mais expressivo é o MST, que há 30 anos é protagonista nas ocupações de latifúndios para fins de reforma agrária (GOHN, 2010). O modo como os meios de comunicação lidam com este movimento é contraditório. Estudos recentes acerca desta temática (GOHN, 2003; NEPOMUCENO, 2007; SOUZA, 2004; SCHWENBGER, 2008) evidenciam a complexidade de fatores que influenciam as abordagens feitas pela grande mídia brasileira.

Desde a criação do MST, em 1984, o movimento expandiu sua atuação para 24 estados das cinco regiões do Brasil. Desse modo atingiu a incorporação de aproximadamente 1500 militantes, fazendo com que 370 mil famílias se estabelecessem nos 1800 assentamentos criados, além de reunir outras 130 mil famílias em diversos acampamentos (GOHN, 2010). Na Zona da Mata Mineira, a atuação do MST é recente e pouco ampla. O único assentamento rural da região, Olga Benário, originou-se em 2005, na cidade de Visconde do Rio Branco, local onde 30 famílias tiveram acesso às terras.

No dia 25 de março de 2010, o MST ocupou a Fazenda Fortaleza de Sant`Anna, localizada nos municípios de Goianá, Coronel Pacheco, Chácara e São João Nepomuceno. Tradicionalmente conhecida como símbolo da opulência cafeeira, a fazenda tem mais de 4500 hectares e uma história ligada a grandes políticos da região. Fazenda esta que não teve cuidados administrativos suficientes e foi decretada improdutiva pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Tal classificação se deu apesar de a fazenda possuir alto potencial turístico, pelo estilo arquitetônico e maquinários coloniais que preserva; importância arqueológica, por ser o único local brasileiro onde foram descobertas múmias; riquezas históricas de ordem imaterial, com aproximadamente 100 moradores descendentes de escravos e colonos locais; além de remanescentes florestais cuja conservação é fundamental.



Além da cobertura jornalística da ocupação da fazenda feita por veículos como a *TV Alterosa*, *Estadão*, *Correio Braziliense*, *Estado de Minas*, *Brasil Wiki* e *blogs* em geral, circulam na internet relatos oficiais do MST acerca do dia 25 de Março de 2010, relatando como foi o processo de entrada e estabelecimento dos Sem-Terra na Fazenda Fortaleza.

Em 2011, as 90 famílias que ocupavam o local foram despejadas, passando a ocupar uma beira de estrada próxima, no quilômetro 48 da MG 353. Tais famílias resistiram no local a fim de conseguir a liminar judicial para reocupar as terras da Fazenda e sobreviveram em moradias improvisadas, sem uma infraestrutura adequada que garantisse condições dignas de vida.

No dia 3 de setembro de 2013, as famílias reocuparam a Fortaleza de Sant`Anna, onde permanecem atualmente em processo de negociações para concretizarem o projeto de assentamento. Meses depois, às margens da MG 353 não restaram sinais da ocupação. Neste sentido, o livro-reportagem teve como proposta central narrar as histórias de vida dos acampados, que permaneceram continuamente no Denis Gonçalves, buscando explicitar qual a trajetória percorrida por estes sujeitos anteriormente ao processo de luta pela terra.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A escolha metodológica de se trabalhar o jornalismo literário partiu da proposição defendida por Lima (2004), na qual o livro-reportagem é apresentado como veículo extensor do jornalismo e da literatura, meio responsável por preencher a incompletude e a imprecisão deixadas pelas publicações periódicas, que, por muitas vezes, tratam as situações com superficialidade e com extremo oportunismo. A modalidade perfil foi escolhida para abordar de forma multidimensional o tema, buscando contemplar os cinco elementos fundamentais de um bom texto, elencados por Vilas Boas (2004): memória, conhecimento, imaginação, sínteses e sentimentos.

Segundo Sergio Villas Boas (2003), no contexto das pesquisas qualitativas em Ciências Sociais (sociologia, antropologia, história, psicologia), há o uso de uma expressão mais ampla para designar os perfis: histórias de vida. Devido à corrente britânica impulsionada por Paul Thompson, a história oral de vida tem sido uma tendência forte no gênero da história oral (MEIHY, 2005). Por pressuposto, este método tem como fundamento evidenciar vozes normalmente negligenciadas devido a uma concepção historiográfica que as considera insignificantes de serem registradas nos documentos escritos. Neste sentido, a



história oral potencializa grupos sociais e perspectivas contra-hegemônicas, permitindo que as memórias sejam transformadas em história.

Por se tratar de um objeto de estudo localizado a 136 km de distância de Viçosa, onde residem os autores, este projeto experimental exigiu coleta de dados em campo e o esforço descritivo, a fim de apreender a realidade de vida dos acampados, além de pesquisa documental. A entrevista de história oral de vida, em profundidade e semi-aberta, orientada por um roteiro previamente elaborado e a imersão na realidade foram os dois instrumentos de coleta de dados que adotados.

Como facilitadores do registro, alguns materiais se fizeram necessários, tais como: um caderno de campo, na função de diário, um gravador de voz digital, e uma câmera fotográfica (NIKON D-90). Para o tratamento dos dados foi utilizado um Hd externo, um Notebook, Programa de edição e gravação de áudio, Audacity Pro. Softwares de edição de imagens e de diagramação, *Adobe Photoshop* e *Adobe InDesign*.

DESCRIÇÃO DO PROCESSO/EXPERIÊNCIA

Os contatos com a comunidade se deram em diferentes momentos, ao longo de 2012 a 2014. Períodos nos quais foram feitas algumas visitas rápidas e outras prolongadas, estas de uma semana inteira de vivência no acampamento, ao longo das férias e recessos acadêmicos. Ao longo das imersões, além das entrevistas feitas com os sem-terra que habitavam o local, houve participação nas atividades da comunidade que ocorriam nas barracas familiares e nos espaços coletivos (cozinha e terreiro comunitários), a fim de alterar o mínimo possível a rotina local. Em relação à duração das entrevistas, variou-se conforme a abertura das fontes, tendo em média o tempo de uma a duas horas por encontro. A partir da própria indicação dos acampados, foram identificadas novas fontes para serem entrevistadas.

As coletas foram encerradas e o trabalho foi concentrado nas decupagens, orientações e escrita do memorial. Estágio no qual foi feita a leitura e fichamento das principais referências teóricas. Posteriormente, foram feitas imersões na Fazenda Fortaleza para a revisão dos textos e aprofundamentos de algumas entrevistas. Foram lidos os perfis para os entrevistados, a fim de elucidar pontos que ficaram confusos ao decorrer da transcrição das primeiras conversas e também para que os sem-terra avaliassem se o texto escrito correspondia às entrevistas que tinham concedido. A partir da aprovação dos perfis, as famílias assinaram o termo de autorização de uso da imagem para integrarem o livro.



Cada capítulo foi escrito de modo autobiográfico, por ser a forma enunciativa que expressa com privilégio a subjetividade da fonte (EMEDIATO, 2007) e que é mais coerente à proposta de evidenciar as histórias dos sem-terra sendo contada pelo ponto de vista deles próprios. O livro “Si me permiten hablar...” foi inspirador neste sentido para que déssemos voz aos sujeitos (VIEZZER, 2005).

Ao longo da estruturação dos textos, adotamos os procedimentos previstos na história oral “pura”, segundo Meihy (2005), transcrevendo absolutamente a linguagem falada dos acampados, de modo bruto. Em um segundo momento, passamos para a fase de textualização, eliminando erros gramaticais, perguntas e fazendo a reparação de palavras sem peso, além de retirar os ruídos indesejáveis e identificar o “tom vital” das entrevistas. Feita a textualização, a próxima etapa adotada foi a de transcrição, ou seja, o processo de edição e recriação das falas para comunicarmos melhor a mensagem das entrevistas, a partir de estratégias de modificação. Meihy (2005) aponta que este processo não se trata de cópia, reprodução, paródia ou imitação, mas o senso estético encontra oportunidades nesta fase de aproximar a história oral da literatura, ao valorizar a geração do percurso narrativo.

Os perfis foram organizados em capítulos e introduzidos com uma breve enunciação, escrita em terceira pessoa e demonstrando o relacionamento afetivo dos pesquisadores com os personagens. Das 20 entrevistas feitas, nove foram escolhidas para configurarem o livro. Houve seleção das fotos tiradas para compor o livro e o produto final teve um total de 130 páginas, no formato 25x21cm.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa biográfica exige certo preparo mental para compreender e aceitar a complexidade da tarefa, a natureza criativa do processo e as demandas de tempo, paciência e compromisso com um momento muitas vezes caótico e intrincado de ambos, biógrafo e biografado. (VILAS BOAS, 2007, p.40)

Esta foi uma experiência desafiadora e bastante rica nos quesitos pessoal e profissional. Acompanhar as pessoas na angústia da espera por um pedaço de chão, privadas de direitos básicos e com a incerteza de que o investimento seria realmente recompensado, nos impulsionava a prosseguir. Ao mesmo tempo, a cada ida ao acampamento, aumentava a incerteza se havia energias e preparo suficientes para levar adiante esta empreitada. Diante da complexidade das situações e aprendendo, na maior parte do curso, a escrever objetivamente e em forma de *lead*, por muitas vezes sobrevieram os conflitos em relação à capacidade de reportar, de forma madura, as histórias dos acampados.



Ao final, os aprendizados foram muito significativos: Primeiramente, o exercício da escuta, a busca pela empatia e profundidade, o compromisso e respeito às fontes, a necessidade de leituras acerca do tema e organização para o êxito do trabalho. Esperamos que o livro-reportagem possa retornar como fonte de registro e memória aos pré-assentados do Denis Gonçalves, para que a história de resistência deste povo não fique esquecida. Além disso, é esperado que também instigue novos trabalhos acadêmicos no Curso de Comunicação da UFV, que prezem pela responsabilidade social do jornalismo e pela apuração em profundidade, bem como pesquisas interdisciplinares. Com relação aos desafios da história oral no Brasil, este estudo vai ao encontro da necessidade apontada por Meihy (2005), de suprir a carência de estudos de setores rurais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- EMEDIATO, Wander. **A fórmula do texto: redação, argumentação e leitura**. São Paulo: Geração Editorial, 2007.
- GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo**. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes 2010.
- GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais no início do século XXI**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- GONH, Maria da Glória Marcondes. **Os sem-terra, ONGs e cidadania: a sociedade civil brasileira na era da globalização**. 3ª edição. São Paulo: Cortez, 2003.
- INCRA. **Histórico da questão agrária**. Arquivo disponível em: <http://www.incra.gov.br/http://www.incra.gov.br/index.php/reforma-agraria-2/questao-agraria/historico-da-questao-agraria>. Acessado em 20 de Julho de 2013.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 3ª Edição. Editora Manole: São Paulo, 2004.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5ª Edição. Edições Loyola: São Paulo, 2005.
- MST. **Organização**. Disponível em: <http://www.mst.org.br/taxonomy/term/330>. Acessado em 30 de Julho de 2013.
- NEPOMUCENO, Eric. **O massacre: Eldorado de Carajás: uma história de impunidade**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.
- SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e Pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker, 2001.
- SOUZA, Eduardo Ferreira de. **Do silêncio à satanização: o discurso de Veja e o MST**. São Paulo: Annablume, 2004.
- SCHWENGBER, Isabela. **Quando o MST é notícia**. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2008.
- VIZZER, Moema. **Si me permiten hablar: testimonio de Domitila, una mujer de las minas de Bolivia**. Siglo XXI, 1978
- VILAS BOAS, Sergio. **Perfis e como escrevê-los**. Summus Editorial: São Paulo, 2003.